

# O PRESTÍGIO DA LÍNGUA YORUBÁ EM DETRIMENTO DAS LÍNGUAS DO GRUPO BANTO NA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Maria Adelúcia dos Santos<sup>1</sup>.

Ricardo Soares da Silva<sup>2</sup>.

**RESUMO:** O presente trabalho pretende elucidar a contribuição das línguas africanas na formação da língua portuguesa em sua modalidade brasileira. Procura-se investigar as razões pelas quais a influência yorubá é sobreposta às demais línguas africanas, restringindo, assim, a pluralidade linguística com a qual o português entrou em contato no contexto da escravidão. Ao mesmo tempo, busca-se identificar a concepção que subjaz à indistinção entre o elemento indígena e o elemento africano, presente em alguns estudos acerca da etimologia de vocábulos incorporados à língua falada no Brasil. Para tanto, a investigação fundamenta-se nas contribuições teóricas de estudiosos que se ocupam da temática, tais como: Yeda Pessoa de Castro (2001), (2008), Marcos Bagno (2009), Silveira Bueno (1982), Florence Carboni (2012), Nina Rodrigues (1982) etc.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita. Oralidade. Yorubá. Banto. Elemento indígena

## INTRODUÇÃO

Em se tratando dos estudos linguísticos que se ocupam em investigar a formação da língua brasileira, especificamente em seus aspectos constitutivos, observa-se que se tem propagado ao longo do tempo uma cultura preconceituosa que exalta a língua portuguesa, norteadada pela ótica de “purismo lusitano”. Nessa perspectiva, tem-se atribuído às línguas africanas, agentes decisivos na formação da língua brasileira, um caráter deformador da língua metropolitana com base em argumentos que consideram que as línguas ágrafas e de cunho oral não poderiam influir numa língua literariamente prestigiada. Mesmo quando consideradas, os estudos tendem a incorrer em

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: adelucia2009@gmail.com

<sup>2</sup> Professor Doutor do DLA da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: soaresricardo2003@yahoo.com.br

alguns equívocos, dentre os quais o de considerar que o yorubá é a língua africana mais influente na formação do português do Brasil.

Diante da falta de rigor científico com que são tratados os temas negro-africanos no Brasil, o presente trabalho pretende elucidar a contribuição das línguas africanas na formação da língua portuguesa em sua modalidade brasileira. Procura-se investigar as razões pelas quais a influência yorubá é sobreposta às demais línguas africanas, restringindo, assim, a pluralidade linguística com a qual o português entrou em contato no contexto da escravidão. Ao mesmo tempo, busca-se identificar a concepção que subjaz à indistinção entre o elemento indígena e o elemento africano, presente em alguns estudos acerca da etimologia de vocábulos incorporados à língua falada no Brasil.

A fim de que esta temática seja abordada de forma mais esclarecedora, organizamos a pesquisa em três tópicos: no primeiro, dispomos sobre tratamento científico dispensado às línguas africanas sob a ótica da cultura letrada, face à tradição oral na qual se fortaleceram. No segundo, contrapomos os argumentos que sustentam a tese da superioridade yorubá com os que defendem a proeminência do grupo banto. Já no terceiro tópico, contemplamos as atribuições etimológicas de vocábulos incorporados à língua portuguesa, propostas por alguns estudiosos que divergem entre a procedência indígena e a africana.

## **1 O TRATO CIENTÍFICO DAS LÍNGUAS AFRICANAS FACE À TRADIÇÃO ORAL**

A tradição oral constitui um dos aspectos mais característicos das línguas de origem africana. Os ensinamentos, as crenças, os mitos, a maneira de compreender o mundo bem como a própria forma de viver foram transmitidas de geração em geração, tendo como recurso principal a memória, através da arte de ouvir e de contar histórias.

A despeito da importância que a oralidade exerce na constituição da memória e da história de um povo, a cultura ocidental tende a depreciar esta tradição e privilegiar a expressão escrita, sobretudo como um instrumento de poder. Consequentemente, os povos que detêm o domínio do registro escrito

são considerados portadores de uma cultura superior, ao passo que os grupos conhecedores de uma tradição baseada na oralidade são vistos como fadados a uma inferioridade cultural.

Neste contexto, ao se tratar da formação da língua portuguesa falada no Brasil, geralmente as línguas africanas são reduzidas à condição de dialetos, dada a expressão oral na qual se fundamentam e por se considerar que línguas dessa natureza não podem interferir numa língua literariamente prestigiada:

[...] aí se encontra a postura academista de resistir à hipótese de que essas influências mútuas tenham contribuído para configurar o perfil do português brasileiro, a partir do princípio tácito de não admitir que línguas de tradição oral pudessem influir em uma língua de reconhecido prestígio literário como a portuguesa. (CASTRO 2001, p. 69).

A raridade de documentos e provas baseadas em dados historicamente atestados contribui para a falta de rigor científico com que são tratados os dados linguísticos de aporte africano, em relação aos temas sócio-históricos e antropológicos.

Tal tratamento deve-se, antes de tudo, ao fato de que as línguas africanas, muito antes de serem dicionarizadas, eram preservadas nos terreiros através de uma religiosidade transmitida oralmente.

Dada a tradição oral na qual as línguas africanas se fortaleceram, somada ao prestígio que a cultura ocidental atribui à escrita, observa-se que há ainda nos meios acadêmicos certa resistência ou até mesmo certa negação da legitimidade das línguas negroafricanas, ao analisar a influência destas na constituição do português falado no Brasil.

Esse tipo de tratamento pode ser reconhecido como uma forma de “preconceito linguístico”, fazendo menção à obra homônima do linguista Marcos Bagno. Segundo ele, a ideologia civilizatória defende a noção de língua “pura”, através da qual propaga o mito que “o brasileiro não sabe português/ só em Portugal se fala bem português”. Essa concepção, norteadada por uma percepção política, neutraliza não só a noção de uma língua autenticamente brasileira, mas também a importância da participação de outras culturas no processo de formação da identidade nacional

:

É a mesma concepção torpe segundo a qual o Brasil é um país subdesenvolvido porque sua população não é uma raça “pura”, mas sim o resultado de uma mistura-negativa-de raças, das quais duas delas, a negra e a indígena, são “inferiores” à do branco europeu, por isso nosso “povinho” só pode ser o que é. (BAGNO, 2009, p.37).

A postura ideológica que exclui os povos africanos da formação da nacionalidade brasileira, especificamente da configuração de uma língua dotada de particularidades que a distingue da língua praticada na metrópole, é fruto, entre outros fatores, de uma orientação filológica que tende a considerar o português através de uma ótica conservadora. O purismo adotado em tal concepção desconsidera a influência das línguas ágrafas, atribuindo às diferenças existentes entre o português brasileiro e o português europeu um caráter meramente deformador ou acelerador das tendências latentes da língua portuguesa.

Embora os estudos tenham avançado na tentativa de reconhecer o português como língua heterogênea e diversificada, há ainda a carência de pesquisas acerca das línguas africanas e de sua influência na formação do português falado no Brasil, dada a falta de documentação comprobatória de registros linguísticos da época da escravidão. Acrescenta-se o fato de muitas vezes os estudos serem orientados com base em argumentos improváveis ou até mesmo decorrentes de uma postura preconceituosa, passíveis, portanto, de equívocos.

## **2 O PRESTÍGIO ATRIBUÍDO À LÍNGUA YORUBÁ**

Concorrendo com o preconceito diacronicamente constituído em relação ao trato científico das línguas de origem africana, o qual neutraliza a efetiva percepção destas na formação de um português autenticamente brasileiro, está o equívoco de se considerar o yorubá como a “língua geral” dos negros africanos no Brasil.

Quando estudadas, as línguas africanas são genericamente designadas como nagô (yorubás), desenvolvendo, assim, o estereótipo de que a cultura yorubá seria superior à cultura dos demais povos africanos aportados em território brasileiro. A tese da superioridade “yorubafone” é constatada na metodologia de pesquisas científicas, em produções culturais, na divulgação

mediática, e sustentada por argumentos presentes em determinados contextos da ocupação negra no Brasil.

Quanto a isso, Yeda Pessoa de Castro, em sua obra intitulada *Falares Africanos na Bahia, um vocabulário Afro-Brasileiro (2001)*, enfatiza o episódio ocorrido no filme *Quilombo*, de Cacá Diegues, produzido no início dos anos 80, o qual retrata a vida no Quilombo de Palmares.

No filme é atribuída uma origem sudanesa aos palmarinos e a língua ali falada é designada como yorubá, mesmo diante do fato de não haver registros que apontassem para a presença de falantes de tal língua no Brasil neste período. Tendo o Quilombo de Palmares vigorado durante o século XVII, sua vigência, portanto, é anterior à chegada dos yorubás, o que configura a tese da origem sudanesa como um dado anacrônico.

## **2.1 A constituição do quilombo de Palmares**

Face à suposta origem proposta pela produção cinematográfica de Cacá Diegues, é incoerente o fato de se atribuir uma proveniência yorubá à República de Palmares diante de argumentos postulados por estudiosos que comprovam a origem banto do quilombo, dentre os quais enumeram-se alguns: Nina Rodrigues, na obra *Os Africanos no Brasil (1982)*, aborda a questão da procedência e predominância dos negros no Quilombo de Palmares, questionando se foram bantos ou sudaneses os negros que ali se congregaram. A princípio, através do referencial teórico de alguns estudiosos bem como de algumas ilações acerca da influência religiosa, atesta-se que exclusivamente bantos compunham os quarenta negros que fundaram a República de Palmares.

Em se tratando da linguagem lá praticada, considera-se que, a despeito do que propõe a produção de Cacá Diegues,

[...] a preferência da língua-veículo em que Palmares transportaram os negros as suas tradições de governo em África com as suas crenças- esculpiu-se indelével na república dos pretos a influência diretora dos negros meridionais ou bantos [...]. Em termos e denominações de corrente uso em Palmares, é lícito descobrir o cunho banto, mesmo através dos erros de pronúncia e das falhas inevitáveis na reprodução escrita dessas palavras. Em algumas, porém, que chegaram aos nossos dias, em pureza adamantina

conservou-se a sua integridade original (RODRIGUES, 1982, p.89,90).

Percebe-se, com isso, descontada a concepção de erro de pronúncia e de ortografia abordada pelo autor (porque não constitui nosso objeto de análise), que alguns termos utilizados na linguagem corrente da República de Palmares tinham uma origem lexical de base banto, dentre os quais alguns permaneceram no português até os dias atuais.

Em termos de estruturação, os quilombos eram agrupamentos sociais mais ou menos isolados para sobreviver, formados por ex-escravos, índios e brancos fugitivos, criadores de economia própria e politicamente estruturados, resultando assim num complexo étnico, religioso, linguístico e cultural.

Uma das questões que giram em torno da linguagem lá praticada é justamente se os africanos “falavam em alguma língua africana específica, em uma língua geral africana formada no Brasil ou, até mesmo, em um português africanizado” (BAGUET *apud* CARBONI, 2012, p.23). Conforme Freitas (1984, p. 41, 42):

Assim foi como se elaborou a linguagem palmarina: um sincretismo linguístico, em que os elementos africanos tiveram um ascendente decisivo, mas que incorporava, por igual, elementos do português e do tupi.

De fato, dada a pluralidade étnica na qual se formaram os quilombos, considera-se que lá se praticava uma língua geral ou nova, a qual os brancos só entendiam através do auxílio de intérpretes.

Contudo, “talvez a eventual língua franca e os falares palmarinos possuíssem base sintática e lexical banto, considerando-se a dominância de locutores provenientes da África Central” (NETO *apud* CARBONI, 2012, p.26). Os elementos lexicais de base banto são verificados nos principais títulos e topônimos da confederação: Ganga Zumba<sup>3</sup>, Zumbi<sup>4</sup>, Dandara<sup>5</sup>, Osengo<sup>6</sup>, Macaco<sup>7</sup>, Andalaquituxe<sup>8</sup>.

---

<sup>3</sup> Líder da República de Palmares.

<sup>4</sup> Líder da República de Palmares, sucessor de Ganga Zumba.

<sup>5</sup> Guerreira negra do período colonial, esposa de Zumbi.

<sup>6</sup> Aldeamento da República de Palmares.

<sup>7</sup> A capital de Palmares.

<sup>8</sup> Aldeamento pertencente ao quilombo de Palmares.

Diante disso, é seguro afirmar que Palmares foi predominantemente banto apesar de sua formação plural, e que a tese de origem sudanesa decorre de uma postura que enaltece a cultura yorubá, restringindo, portanto, a influência africana, na formação da língua portuguesa em sua modalidade falada no Brasil, a um só povo.

## 2.2 Os yorubás

Em relação à entrada dos yorubás em território brasileiro, Castro (2001, p.41) afirma que eles “foram trazidos em grandes contingentes para a Bahia, já na última fase do tráfico transatlântico, e empregados em sua maioria, em trabalhos urbanos e domésticos na cidade do Salvador”. Desse modo, enraizados nos centros urbanos, em espaços menos extensos e mais localizados do que os bantos, tiveram condições de preservar mais a sua língua e sua religião.

Diante da presença dos nagôs (yorubás) no território baiano a partir do final do século XVIII, instalou-se o que Castro (2001) denomina de continuísmo metodológico, por se tratar do desenvolvimento de pesquisas científicas concentradas na observação dos mesmos campos de estudos.

A metodologia adotada nos estudos negroafricanos desenvolveu a tendência de privilegiar a cultura sudanesa, atribuindo uma inferioridade aos povos de cultura banto. Além disso,

[...] como a cidade de Salvador também é tratada pelo seu antigo nome de Bahia, não foi difícil estender a influência ioruba a todo o Estado, da mesma maneira que o termo *nagô* passou a ser genericamente usado como sinônimo de africano ou de qualquer língua africana na Bahia. (CASTRO, 2001, p. 54).

Tal concepção considera que o yorubá seria a língua africana praticada entre os negros da cidade de Salvador, embora se saiba da existência de africanos de outras etnias com seus falares maternos, a exemplo, inclusive, do quimbundo, a partir do qual “*A arte da língua de Angola*, publicada em Lisboa em 1697, foi escrita na Bahia pelo missionário Pedro Dias para uso dos jesuítas, a fim de facilitar a doutrinação dos 25.000 negros” (CASTRO, 2012, p.39). Considerando a importância da obra de Dias, notável por tratar-se de

uma prova histórica do emprego de uma língua africana não só na Bahia como também em outras partes do território brasileiro no contexto da ocupação negra, é incoerente postular-se a tese da predominância “yorubafone”.

Dentre os motivos que justificam os estudos das línguas africanas através de uma ótica yorubá há o fato de se considerar que esse povo detinha o domínio da escrita. De fato, alega-se que a língua yorubá gozava de prestígio literário já no século XIX, época na qual seus falantes predominavam numericamente no estado da Bahia. Conforme Castro (2001, p.51), o idioma chegava “a ser ensinado a negros baianos por outros negros que aprenderam a ler e escrever em Lagos (Nigéria)”, região de origem com a qual se mantinha contato de duas a três vezes ao ano por intermédio dos comerciantes.

Assim, a feição literária atribuída à língua yorubá comparada à tradição oral na qual se fundamentam as demais línguas africanas é o que confere àquela a pretensa superioridade cultural.

Os aportes yorubás estão presentes no contexto litúrgico das religiões afrobrasileiras, sobretudo na língua-de-santo praticada através de cânticos e expressões ritualísticas. Atualmente, percebe-se uma crescente popularização desses termos dado o ingresso de adeptos ao meio religioso, camadas prestigiadas da sociedade representadas por artistas e intelectuais que os introduzem no português geral do Brasil, principalmente através do mercado fonográfico.

### **2.3 O grupo banto**

Dos séculos XVI ao XIX, o povo banto foi o grupo de maior densidade populacional e amplitude geográfica na distribuição pelo território brasileiro.

No encontro com a língua do colonizador, o banto, principalmente através do quimbundo, permitiu uma integração com o português antigo em razão da semelhança estrutural entre ambos. Para Castro (2008, p.33), “os sistemas linguísticos do bantu e do português arcaico são muito próximos, o que teria permitido uma aglutinação, uma mistura muito bem resolvida”. Com efeito, a autora acrescenta ainda que “[...] 75% dos africanos trazidos pra cá eram bantu-falantes oriundos de territórios situados atualmente nos dois Congos e em Angola”.



Dado o contato secular, a superioridade numérica, bem como o uso mais extenso de suas línguas, percebe-se que os bantos exerceram maior influência na formação do português do Brasil, contribuindo assim para “afastá-lo” do português metropolitano. As distinções são verificadas no âmbito da sintaxe, da fonética, e, sobretudo, no sistema lexical brasileiro. Segundo Castro (2008, p. 33), “várias palavras bantu substituíram as de sentido equivalente em português, como *xingar* por insultar, *cochilar* por dormir, *bunda* por nádegas e *cachaça* por aguardente”.

Diante disso, parece mais viável considerar que a língua yorubá predominou na cidade de Salvador em dado momento, sobretudo em meados do século XIX, admitindo-se, porém, a proeminência das línguas do grupo banto ao longo dos séculos, no contexto escravocrata como um todo, ao invés de afirmar com base em argumentos preconceituosos e pouco fundamentados a atribuição genérica do yorubá como a língua geral ou cultura superior às demais.

O continente africano, se interpretado conforme a ótica que privilegia a cultura yorubá, é concebido como um continente singular e homogêneo, desconsiderado em sua pluralidade étnica, linguística e cultural, a qual estendida ao Brasil contribuiu diretamente para a formação da identidade nacional.

### **3 A INDISTINÇÃO ENTRE O ELEMENTO INDÍGENA E O ELEMENTO NEGRO**

A propósito dos estudos realizados acerca da etimologia dos vocábulos integrados no sistema linguístico brasileiro, algumas atribuições são discutíveis em razão da influência igualmente importante das línguas indígenas. Exemplo disso é a origem do termo “mocotó”, elemento presente na culinária brasileira, ao qual é atribuída uma etimologia controversa.

Silveira Bueno, em seu dicionário Tupi-Guarani Português, indica que o vocábulo tem uma origem tupi: “**Mocotó**- s. Mão desarticulada (de boi, vaca); geleia que dessas patas se faz. De **mbo- cotó**”. No equívoco dessa definição, ocorre inclusive um caso de anacronia, visto que, conforme Castro (2001, p. 70), “os indígenas brasileiros desconheciam o gado bovino”. Concorrendo com

tal equívoco, percebe-se que Schneider (1991, *apud* CASTRO, 2001, p. 59) apesar de ter vivido em região predominantemente banto, atribuiu erroneamente à palavra uma origem yorubá, provavelmente influenciado pela noção de prestígio que é conferida a esta. No entanto, é consenso entre os estudos mais recentes que o termo pertence à etimologia banto:

**MOCOTÓ** (banto)1. (°BR)-s. m. tornozelo, pernas grossas. Ver **mondongo**. Kik/Kimb. (ma) Kooto, pernas, patas. 2. (°BR)-s. m. patas de bovinos, sem casco, usadas como iguaria do mesmo nome; mão-de-vaca. Kik. Makooto. Cf. **afó-de-boi**, **inama-de-boi**. (Castro 2001, p.285).

A autora, partindo do princípio de que o gado bovino era desconhecido dos indígenas brasileiros, afirma que o vocábulo foi importado das línguas quicongo e quimbundo, a partir do étimo *makooto*. Partindo deste pressuposto, Lopes (2006, p.151) indica:

**MOCOTÓ-** s.m. (1) Pata de bovino usada como alimento. (2) Tornozelo [...]. Para nós, a origem é o quimbundo *mukoto*, pata de animal, mão de vaca, correspondente ao umbundo *omu-koto*, *amu-koto*, pata de boi, cabra, suíno etc. [...].

Contemplando a mesma perspectiva que Castro (2001), o autor atribui ao termo uma procedência banto, embora os étimos apontados, *mukoto*, *omu-koto* e *amu-koto*, sejam divergentes por se tratar de variantes locais..

Semelhante tratamento recebe o elemento “moranga”. Segundo Bueno (1982), trata-se de um termo tupi, o qual equivale ao adjetivo “Belo, formoso, lindo. O mesmo que poranga”. Entretanto, conforme Castro (2001) e Lopes (2006), moranga é um étimo banto, correspondendo a uma espécie de abóbora, da qual ocorre a variante abóbora-moranga, transplantado do banto para o Brasil juntamente com outras espécies da flora, entre as quais *maxixe*, *quiabo* e *dendê*. Frente a isso, “a única associação que se poderia fazer com o suposto étimo tupi “mo’rãg”, belo, é visualizar desse jeito, sua forma arredondada e em gomos” (CASTRO, 2001, p.70).

Como resultado das marcas da Independência de 1822, a questão da formação da língua brasileira estava ligada sobretudo ao aspecto político. Na ânsia de identificar as diferenças existentes entre Brasil e Portugal a partir de

elementos autóctones diferenciadores, os estudos linguísticos eram orientados por uma posição ideológica nacionalista.

No âmbito literário, a ênfase recaiu sobre o elemento indígena, impulsionado pelo movimento intelectual e artístico do Romantismo. O Indianismo encontrou em Gonçalves Dias e em Alencar os seus maiores precursores, propagando a figura do índio como o herói da nação brasileira.

Tal honraria literária não recebeu, porém, o elemento africano na literatura brasileira. Dada a negação da influência negra sobre a sociedade brasileira e sobre a língua portuguesa falada no Brasil, Coutinho (1997, p.304) destaca que:

[...] o brasileiro é figurado no caboclo, nunca no negro ou no mulato. Na literatura tivemos o indianismo, não o negrismo ou mulatismo. Nos tempos da independência, os nomes de família, jornais e partidos eram tupis e não negros.

O sentimento nacional construído sob a égide do Romantismo sugere que a constituição do povo brasileiro seja resultado da mistura do elemento português com o elemento indígena. O negro, desse modo, é excluído da formação da nacionalidade brasileira.

A literatura, contemplando tal ideologia, ocupou-se em exaltar a figura do índio em detrimento da figura do negro. Embora algumas obras abordem uma temática antirracista figurando o brasileiro no mulato, há aí uma ideia subjacente de branqueamento do mestiço, afastando-o do negro e aproximando-o do branco.

Neste contexto, foi conferida ao índio uma atuação efetiva na construção do novo elemento linguístico, enquanto que ao negro era atribuído um papel regionalmente localizado e isolado da cultura nacional. A influência dos povos africanos nesse período foi considerada nula e sem interação linguística significativa, tratamento ainda recorrente no meio científico.

## **Referências Bibliográficas**

BAGNO, Marcos. **O preconceito Linguístico, o que é, como se faz.** 51 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

BUENO, Francisco da Silveira. **Vocabulário Tupi-Guarani Português.** São Paulo: Nagy LTDA, 1982, p.188;196.

CARBONI, Florence. **A Linguagem Escravizada: Língua, história, poder e luta de classes.** 3 ed. São Paulo: Expressão popular, 2012.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares Africanos na Bahia: Um Vocabulário Afro-Brasileiro.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

\_\_\_\_\_. O que tem de Angola no Brasil e vice-versa. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional.** Rio de Janeiro: Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional, ano4, n.39, p.33, Dez 2008.

\_\_\_\_\_. Camões com dendê. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional.** Rio de Janeiro: Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional, ano7, n.78, p.39, Março 2012.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil: Introdução Geral.** 4 ed. São Paulo: Global Editora, 1997.

FREITAS, Décio. **Palmares, a guerra dos escravos.** 5 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto do Brasil: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss.** 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil.** 6 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1982.